

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ**  
**DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO**  
**ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO: MÉTODOS E TÉCNICAS DE ENSINO**

SOLANGE APARECIDA BELETATO CARBONE

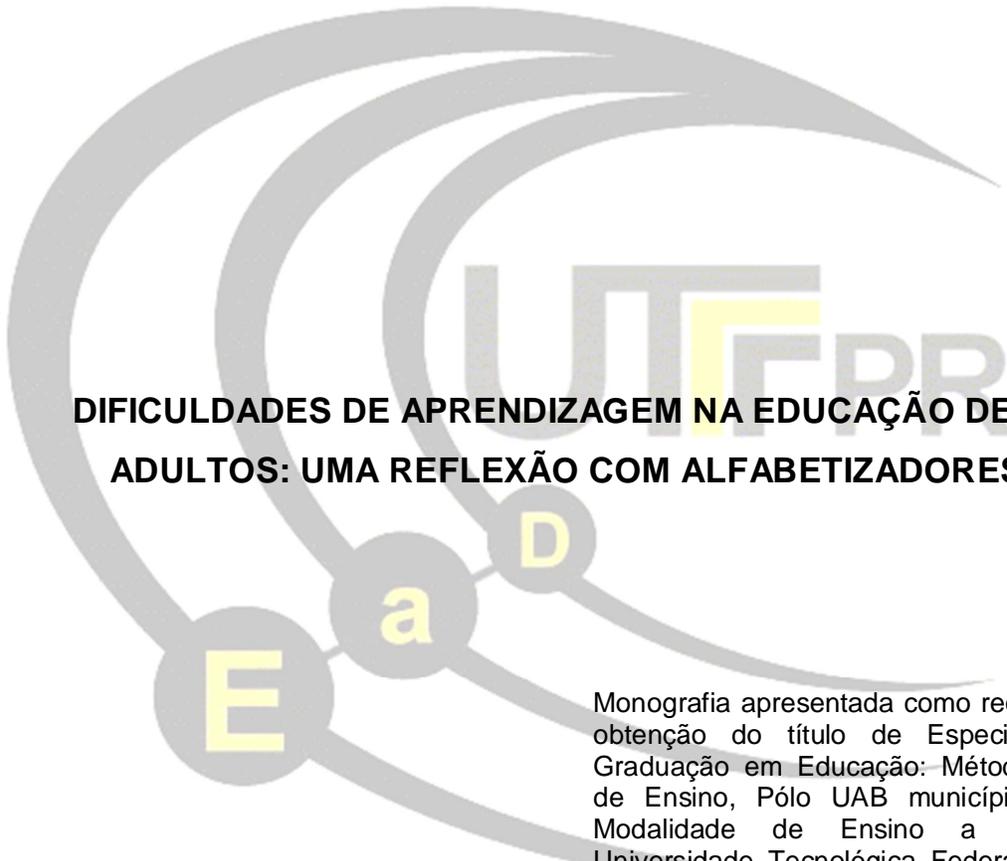
**DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E  
ADULTOS: UMA REFLEXÃO COM ALFABETIZADORES DA EJA**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

MEDIANEIRA

2013

SOLANGE APARECIDA BELETATO CARBONE



**DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E  
ADULTOS: UMA REFLEXÃO COM ALFABETIZADORES DA EJA**

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Especialista na Pós Graduação em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino, Pólo UAB município de Goioerê, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR – Câmpus Medianeira.

**EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA**

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Ma. Maria Fatima Menegazzo Nicodem.

MEDIANEIRA

2013



---

## TERMO DE APROVAÇÃO

Dificuldades de aprendizagem na educação de jovens e adultos: Uma reflexão com alfabetizadores da EJA

Por

**Solange Aparecida Beletato Carbone**

Esta monografia foi apresentada às 9h 10min do dia 14 de dezembro de 2013 como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista no Curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Medianeira. A aluna foi avaliada pela Banca composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho aprovado.

---

Prof<sup>a</sup> Ma. Maria Fatima Menegazzo Nicodem  
UTFPR – Câmpus Medianeira  
*Orientadora*

---

Prof Dr. Fernando Periotto  
UTFPR – Câmpus Medianeira

---

Prof<sup>a</sup> Ma. Marlene Magnoni Bortoli  
UTFPR – Câmpus Medianeira

---

Prof Me. Henry Charles Albert David Naidoo Terroso de Mendonça Brandão  
UTFPR – Câmpus Medianeira

O termo de aprovação assinado encontra-se na coordenação do curso.

Dedico este trabalho a minha família que me incentivaram e nunca me deixaram sozinha nessa caminhada acadêmica.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus, pelo dom da vida e pela sabedoria, sem fé em sua existência nada seria possível, aos meus pais Olga e Narciso que me geraram a vida, e confiaram no meu potencial, vocês são exemplos de pais, me instruíram a ser uma pessoa de caráter, principalmente minha mãe, que sempre me apoiou nos estudos e nas horas difíceis, sem o seu apoio eu nada conseguiria, ao meu marido João pela paciência que teve durante todo o tempo em que estive ausente durante o decorrer deste trabalho, sempre guiando meus passos nessa caminhada, e aos meus filhos João Vitor, Carol e Nathalia que são a razão do meu viver.

“Portanto... plante seu jardim e decore sua alma, ao invés de esperar que alguém lhe traga flores. E você aprende que realmente pode suportar... que realmente é forte, e que pode ir muito mais longe depois de pensar que não se pode mais. E que realmente a vida tem valor e que você tem valor diante da vida! Nossas dádivas são traidoras e nos fazem perder o bem que poderíamos conquistar se não fosse o medo de tentar.”

(WILLIAM SHAKESPEARE)

## RESUMO

CARBONE, Solange Aparecida Beletato. Dificuldades de aprendizagem na educação de jovens e adultos: Uma reflexão com alfabetizadores da EJA. 2013. 38 f. Monografia de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino. Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2013.

Este trabalho teve como temática as Dificuldades de aprendizagem na educação de jovens e adultos, abordando breve retrospectiva da história da EJA, ressaltando os percalços pelo qual passou essa modalidade. Ainda transcorre rapidamente sobre o letramento e alfabetização da EJA, como pode ser entendida esses processos e o melhor desempenho. Das dificuldades enfrentadas pelos educadores ao cumprir seu papel e também as dificuldades dos alunos que passam pela escola tardiamente e enfrentam diversos problemas sejam eles de ordem social, física ou intelectual. Abrange também os desafios que o educando enfrenta. Todo o trabalho foi desenvolvido a partir da pesquisa de campo com professores e alunos e com o embasamento bibliográfico disponível, almejando contribuir para uma melhor educação, com visão, reflexão, consciência e senso crítico.

**Palavras-chave:** Letramento. Alfabetização. Educação

## ABSTRACT

CARBONE, Solange Aparecida Beletato. Learning disabilities in youth and adult education: Reflecting on literacy EJA. 2013. 38 f. Monografia de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino. Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2013.

This work was the theme Learning disabilities in youth and adults, addressing a brief review of the history of Youth and Adult Education, highlighting the struggles you've gone through this modality. Still takes place over quickly on literacy and literacy EJA, as these processes can be understood and better performance. The difficulties faced by educators to fulfill their role and also the difficulties of the students who pass through the school late and face several problems be they social, physical or intellectual. It also covers the challenges faced in educating EJA. All work has been developed from field research with teachers and students with the foundation literature available, aiming to contribute to a better education, with vision, reflection, awareness and critical thinking.

**Keywords:** Literacy. Literacy. Education

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	09
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	11
2.1 BREVE RETROSPECTIVA HISTÓRIA EDUCAÇÃO JOVENS E ADULTOS ....	11
2.2 DO LETRAMENTO E DA ALFABETIZAÇÃO DOS JOVENS E ADULTOS .....	13
2.3 DAS DIFICULDADES NA ALFABETIZAÇÃO JOVENS ADULTOS.....	16
2.3.1 Da realidade do educando e suas dificuldades .....	16
2.3.2 Do educador e suas dificuldades.....	18
2.4 DOS DESAFIOS PARA ENFRENTAR AS DIFICULDADES .....	20
<b>3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA</b> .....	24
<b>4 RESULTADOS E DISCUSSÃO</b> .....	26
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	32
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	34
<b>APÊNDICES</b> .....	36
APÊNDICE A.....	37
APÊNDICE B.....	38

## 1 INTRODUÇÃO

A educação de Jovens e adultos é uma modalidade de ensino, que sofreu esquecimento, ou mesmo passou despercebida por muito tempo. Todavia, está amparada legalmente e tem por foco pessoas que na idade ou oportunidade apropriada não puderam estudar.

Os alunos da EJA possuem conhecimento próprio. Quando ingressam, a maioria não são alfabetizados, nem letrados, e cabe ao educador regressar as turmas e identificar as capacidades, dificuldades e potencialidades.

O perfil do professor do EJA é muito importante para o sucesso de seus alunos, onde a aprendizagem caminha de mãos dadas com a compreensão, empatia, amizade, solidariedade do educador.

Os alunos do EJA são marginalizados, sofrem preconceito, vergonha, críticas e tais problemáticas estão presentes tanto na vida em comunidade como na família.

Assim, saber educar é muito mais que transmitir um conteúdo de um livro didático, descontextualizado com a realidade do aluno. É muito mais que isso. É compreender a vivência do aluno, o dia a dia, buscando tanto o crescimento humano, quanto profissional e especialmente o pessoal.

O estudo que envolve jovens e adultos, portanto, foi alcançado pela visão dos educadores e estudiosos, recentemente. Até então a educação fundamental era prioridade das crianças e adolescentes. A alfabetização chegou aos jovens e adultos, mas a dificuldade em ensinar e fazer com que aprendam a ler e a escrever ainda é grande, todavia, os recursos estão mais disponíveis e as oportunidades cresceram consideravelmente.

A diferença entre saber ler e escrever, ser alfabetizado e saber ler o mundo, ter espírito crítico, ser letrado, é uma dúvida que paira sobre as cabeças de diversos escritores, que se debatem para responder essas questões. E essa é uma das dificuldades enfrentadas pelos alunos, onde assimilar o conteúdo e compreender, ter senso crítico demonstra ser um grande desafio para os educando e educadores.

Os alunos, quanto mais idosos, mais dificuldades possuem em assimilar o que lhes é transmitido, em especial no que diz respeito à alfabetização e ao letramento. Muitos deles decodificam o código escrito, mas não conseguem ler e

interpretar a sua leitura. Não abstraem o conteúdo, não compreendem o lido, são os chamados “analfabetos funcionais”.

Ademais, a cansaça diária, os problemas cotidianos afetam e muito no desenvolvimento da aprendizagem, interferindo mesmo na permanência do aluno na escola, o que só com muita dedicação e boa metodologia do educador para despertar a vontade e o interesse em participar das aulas e incentivar a prosseguir em busca de novos conhecimentos.

Motivo pelo qual o presente trabalho pretende estudar brevemente o universo da alfabetização e do letramento na EJA suas dificuldades na aprendizagem, buscando entender o que tais institutos corroboram para solucionar os problemas enfrentados, e entender as dificuldades apresentadas pelos alunos.

A educação de jovens e adultos vem se adaptando lentamente e as dificuldades são inúmeras, seja pela carência de material de apoio, pedagógico, seja pelas condições física e mental dos educandos, ainda pelo fato econômico, social, e principalmente pela falta de estímulo por parte dos administradores, da equipe pedagógica.

No estudo em questão, a Pesquisa bibliográfica faz-se presente, mas a pesquisa de campo é a que terá realce, buscando a leitura e reflexão, procurando esclarecer o problema proposto através de visitas à sala de aula, conversa com alunos e entrevista com professores alfabetizadores do EJA.

A pesquisa bibliográfica procura explorar os mais diversos meios, em especial, os artigos e livros determinados com esse tema, armazenando uma quantidade de material suficiente a responder os anseios da pesquisa e contribuir com a reflexão na vida acadêmica.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 BREVE RETROSPECTIVA DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

A educação sofre mudanças ao longo do tempo, adaptando os erros e acertos para melhor ensinar e letrar seus educandos. Uma missão bastante árdua e frutífera que esteve focada durante a maior parte do tempo, na educação infantil.

Desde que se principiaram os “movimentos” para ensinar jovens e adultos no Brasil, muitos já foram favorecidos, segundo asseveram Lopes e Sousa:

Inicialmente a alfabetização de adultos para os colonizadores, tinha como objetivo instrumentalizar a população, ensinando-a a ler e a escrever. Essa concepção foi adotada para que os colonos pudessem ler o catecismo e seguir as ordens e instruções da corte, os índios pudessem ser catequizados e, mais tarde, para que os trabalhadores conseguissem cumprir as tarefas exigidas pelo Estado (2010, p. 3).

Já de acordo com Marlene Carvalho (2010, P.17), a preocupação do Brasil em alfabetizar os adultos só teve seu ponto de partida na década de 1920, onde mais da metade da população era analfabeta. Conta ela que foi em 1928 que surgiram os chamados “cursos populares noturnos” onde se ministravam noções de higiene e elementos da cultura geral.

Outros sistemas surgiram ao longo dos anos caindo de forma sensível o índice de analfabetismo entre adultos. Todavia foi em 1947 que começaram a funcionar os cursos da Campanha de Educação de Adolescente e Adultos, conforme conta Ana Maria Soek, que esse projeto era idealizado por Lourenço Filho, inspirado no método de Laubach.

Já em 1950 consolidou-se uma nova visão pedagógica sob a influência de Paulo Freire, que valorizava o conhecimento de mundo “a leitura do mundo precede a leitura da palavra” (SOEK, 2010, P. 21). Entretanto, com o Golpe Militar de 1964, os movimentos de alfabetização foram proibidos, surgindo nessa época o Movimento Brasileiro de Alfabetização-MOBRAL, em 1967, e em seguida, dentro deste método,

em 1971, criou-se o Ensino Supletivo, no entendimento de Soek (2010, p. 23), “o evento de maior realce para a reinserção escolar daqueles que não tiveram oportunidade de estudar na época certa”. Mas gerou críticas desfavoráveis porque o MOBRAL não priorizava o diálogo, a realidade dos alunos, mas valorizava lições preestabelecidas, como lembra SOEK (2010, 17).

Foi quando em 1985, foi criada a Fundação Educar, substituindo o MOBRAL, instituto não governamental. Mas foi em 1988, com a promulgação da Constituição Federal que a Educação de Jovens e Adultos teria garantia do Estado. E já em 1996 com a criação do PAS - Programa Alfabetização Solidária- foram acrescentadas novas variáveis na educação, com recursos e pedagogia adequados.

Soek sabiamente sintetiza que “a Educação de Jovens e Adultos emerge de um movimento de luta, desafios e conquistas da educação escolar.” (2010, p.21). De todo o processo de alfabetização surgiu dúvidas e conceitos que foram firmando ao longo dos anos, e dentre esses conceitos do que seja a alfabetização e o letramento, em especial, na educação de jovens e adultos.

A Educação de Jovens e Adultos alcançou avanços substanciais quando a constituição federal de 1988 firmou algumas diretrizes para a modalidade EJA, conforme segue:

[...] garantia de educação básica, para os jovens e adultos das camadas populares; inserção orgânica da educação de jovens e adultos no sistema de ensino do país; a locação de dotação orçamentária para o desenvolvimento dos serviços educacionais para jovens e adultos no conjunto do sistema nacional de ensino; construção da identidade própria da educação de jovens e adultos; garantia de habilitação e profissionalização dos educadores de jovens e adultos; exercício da gestão democrática na educação de jovens e adultos (Fundação Educar, 1988, p.18-19).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB 9394/96) também tem papel fundamental na implantação da Educação de Jovens e Adultos definindo-a como “a educação destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria” e igualmente ao afiançá-la como uma modalidade de ensino, segundo está posto no Art. 4º, inciso VII:

O dever do Estado com educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de [...] oferta de educação

escolar regular para jovens e adultos, com características e modalidades adequadas às suas necessidades e disponibilidades, garantindo-se aos que forem trabalhadores as condições de acesso e permanência na escola (LDB 9394/96).

Assim, a partir daí, pode-se entender a Educação de jovens e Adultos como uma modalidade própria, e desse modo seu planejamento deve ocorrer em conformidade com as necessidades de seus sujeitos, tal seja, os educandos, de acordo com o artigo 37, inciso II, que estabelece que os sistemas de ensino devam assegurar “gratuitamente aos jovens e adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho”.

Importante ressaltar que a EJA, deve ser considerada uma categoria de ensino que abarca diversos níveis, de acordo com o ensinamento de Mamed:

[...] a existência de uma modalidade pressupõe a existência de uma organização maior à qual pertença, pois modalidade significa modo particular de ser, uma subcategoria dentro de uma categoria. Entender a EJA como uma modalidade, ou uma subcategoria, do ensino fundamental ou médio é assumir que ela faz parte de um ou outro nível e abordá-la como possuidora de todas as qualidades e benefícios que caracterizam estes níveis, mas que não ferem suas especificidades garantidas em Lei [...] (MAMED, 2004, p.161).

Sendo assim deve-se planejar o conteúdo a ser desenvolvido na EJA de acordo com as necessidades de cada aluno, levando em consideração as dificuldades e as potencialidades em particular de cada um, buscando o melhor método no processo de ensino-aprendizagem.

## 2.2 DO LETRAMENTO E DA ALFABETIZAÇÃO DOS JOVENS E ADULTOS

De acordo com Soek (2010, p. 40), o letramento “não se restringe ao aprendizado automático e repetitivo dos códigos convencionais da leitura e da escrita ensinados tradicionalmente nas escolas (...) ele acontece antes e durante a alfabetização e continua para o resto da vida”.

Enquanto que alfabetização, na concepção freiriana tem um significado mais abrangente, com o domínio da escrita, do código, mas que possibilite uma leitura crítica. Ainda, segundo Magda Soares, citada por Marlene Carvalho (2010, p. 63), “no Brasil os conceitos de alfabetização e letramento se mesclam, se superpõe e frequentemente se confundem.”. O que segundo Carvalho, não é positivo, vez que ela defende que o processo de alfabetizar e letrar, embora interligados, são distintos, ou “específicos”. Enfatiza que “alfabetizar e ensinar o código alfabético; letrar é familiarizar o aprendiz com os diversos usos sócias da leitura e da escrita.”

Em suma, conforme bem expõe Maria Conceição e Maria Ines,(2009, p. 105):

A questão fundamental no processo de alfabetização é a compreensão da estrutura dos códigos com a representação da língua e não como uma representação gráfica, ou seja, não é a escrita que significa o que queremos dizer, é sim o que entendemos e representamos que simbolizamos através do sistema alfabético.

Em que pese à necessidade de alfabetizar letrando, são institutos diferentes no entendimento de alguns autores. Enquanto que outros defendem a ausência de tais diferenças e ressaltam a igualdade de tratamento entre os dois, por terem o mesmo sentido.

Silva (2010) levanta que a maior dificuldade de professores “é o de conciliar esses dois processos- alfabetização e letramento-, assegurando aos alunos tanto apropriação do sistema alfabético-ortográfico da língua, quanto o domínio das práticas de leitura e escrita socialmente relevantes”.

Compreendendo que alfabetização e letramento são processos diferentes, todavia indissociáveis, segundo Ceris, exigem também métodos diferenciados para cada um deles.

E nesse sentido Soares (2003) destaca uma discussão interessante e certa no que diz respeito à alfabetização e letramento quando coloca que se ensina a muito tempo de forma equivocada, ao passo que primeiro se alfabetiza para depois passar para o processo do letramento. Partindo do ponto de vista de que ambos são institutos diferentes, ela ressalta que “esse é um engano sério, porque as duas aprendizagens se fazem ao mesmo tempo, uma não é pré-requisito da outra”. E ela continua defendendo que “a alfabetização é algo que deveria ser ensinado de forma sistemática, não deve ser diluída no processo de letramento”.

Importante destacar que as motivações de aluno para aluno são diferentes e conseqüentemente o aprendizado, a alfabetização e o letramento também o serão para cada um de acordo com seus interesses. Cada classe social usa o conhecimento em conformidade com suas necessidades e suas possibilidades, daí as diferenças. Enquanto alguns alunos já convivem com livros, revistas, internet, outros nunca manusearam tais. E tornar os alunos atentos à presença da escrita e dos meios dos quais dispõe na vida cotidiana e fazê-los perceber os vários usos sociais da escrita e leitura faz parte do processo de letramento, sempre buscando com que entendam que a leitura e escrita se fazem necessária hoje e agora, não apenas para um futuro distante, para que se sintam motivados para o esforço que a aprendizagem o exige.

O letramento deve dar-se nessa dimensão de prazer pelo aprendizado, sem pressão, censura, cobranças, mas como algo bom, útil e prazeroso. E é na alfabetização, quando se aprende a relação de letras e sons, que o prazer da leitura e escrita surge, com o manusear do material, seja pelo olhar, folhear sentir o cheiro, a cor, o peso, o toque dos livros, revistas, jornais e afins, que desperta o interesse e a percepção da importância desse conhecimento em suas vidas hoje e sempre.

Formar leitores e escritores é dar instrumentos para tal, para que se atualizem, busquem as informações, conheçam, explorem, tenham seu ponto de vista, vivam as emoções narradas nas leituras que leiam e consigam expressar seja através da oralidade ou da escrita.

No artigo “A entrada da criança no mundo da escrita: o papel da escola”, Magda Soares, compara a alfabetização e letramento como uma entrada em um país onde se exige passaporte. O passaporte seria o sistema da escrita alfabético e ortográfico e as convenções para seu uso, enquanto o outro passaporte é o letramento, ou seja, as práticas sociais que envolvem a língua escrita.

Tanto a criança quanto adulto precisa, para um processo de leitura e escrita eficaz, a união da alfabetização e do letramento. O jovem e o adulto sobremaneira. Ele vive a escrita e a leitura e é o seu mundo que ele quer ler, de forma prazerosa, útil, conciliando o conhecimento que já carrega consigo com o que a escola, através de suas mais diversas técnicas tem a proporcionar.

Em que pese à demora na preocupação pelo Estado, na educação de jovens e adultos, todavia, hoje o comprometimento com essa modalidade, é bastante acentuado, em especial, pela educadora, Magda Soares, que muito contribui para

esse avanço, dentre tantos educadores, buscando conciliar leitura, escrita e letramento de forma harmoniosa e eficaz.

Ler e compreender os códigos, interpretar e compreender o que se lê são as maiores dificuldades que enfrentam os alunos e educadores do EJA, estes quando retornam aos bancos escolares já possuem valores e crenças já definidos, uma bagagem enorme. Nas escolas recebe-se jovens e adultos com vivências profissionais, idades e origens distintas, ritmos de aprendizagens e opiniões das mais diversas.

## 2.3 DAS DIFICULDADES ENFRENTADAS NA ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

### 2.3.1 Da Realidade do Educando e suas Dificuldades

O jovem e adulto, ou seja, o educando na EJA, já concentra em si um contexto histórico, uma realidade social. São os que voltam as escolas porque procuram melhorar suas vidas, através do processo aprendizagem. Na visão de Gadotti (2008, p.31):

Os jovens e adultos trabalhadores lutam para superar suas condições precárias de vida (moradia, saúde, alimentação, transporte, emprego, etc.) que estão na raiz do problema do analfabetismo. Para definir a especificidade de EJA, a escola não pode esquecer que o jovem e adulto analfabeto é fundamentalmente um trabalhador – às vezes em condição de subemprego ou mesmo desemprego [...].

São realidades distintas a cada aluno, pois vivem num mundo de trabalho, família, grupos, são responsabilidades tantos sociais quanto familiares, com valores morais e éticos criados a partir da experiência pessoal, do lugar onde vive e da realidade sociocultural em que estão inseridos.

O senso comum, o valor pelo cotidiano, corriqueiro, o saber das ruas, o desafio para enfrentar os problemas diários confrontam com o conhecimento transmitido pela escola. É um conhecimento sim, elaborado, mas não é

sistematizado, não possui a valoração necessária no mundo letrado, e nem sempre é percebida sua importância pelo próprio aluno.

Ademais, muitos dos alunos, enfrentam problemas de saúde, como baixa visão, pouca audição ou muitas outras enfermidades que prejudicam o assimilar do conhecimento.

Conforme fala do mestre Paulo Freire, que apresentava em seus estudos como fundamental característica da EJA “o sujeito como ator de seu próprio aprendizado”, educando para conscientização, pela formação de sujeitos críticos, educação pela liberdade. O aluno precisa do amparo da escola para sobreviver, para atingir seus objetivos, satisfazer seus anseios.

Muitas vezes os alunos vem para a escola com problemas, oprimido, baixa autoestima, por vezes pela condição de excluído, de retardatário, que chega a escola cansado, e diante de um situação nova, e diferente, sente-se oprimido e desestimulados a acreditar que são capazes.

Nesse sentido, Werneck (1999, p.23) explica que:

Muitas vezes a escola se apresenta aos alunos como um pesado elefante. A primeira impressão deixada para o estudante é de alguma coisa impossível de ser ultrapassada. Poucos terão a alegria e certeza de poder enfrentar esse peso, mais próximo do desgosto do que felicidade.

Essa realidade que o educando encontra no jovem e adulto e diferente no ensino regular, onde as crianças, no seu tempo, assimilam, absorvem com a naturalidade que lhe é peculiar.

A grande maioria dos alunos da EJA possui baixo desenvolvimento cognitivo, o que pode ser explicado como causa neurológica ou pelos fatores mais diversos, como ambiente, sociedade, cultura. Nesse sentido, Scoz salienta que:

[...] os problemas de aprendizagem não são restringíveis nem a causas físicas ou psicológicas, nem a análises das conjunturas sociais. É preciso compreendê-los a partir de um enfoque multimensal, que amalgame fatores orgânicos, cognitivos, afetivos, sociais e pedagógicos, percebidos dentro das articulações sociais. Tanto quanto a análise, as ações sobre os problemas de aprendizagem devem inserir-se num movimento mais amplo de luta pela transformação da sociedade. (SCOZ, 1994, p. 22)

Todavia esses jovens e adultos que ultrapassam a barreira da baixa autoestima e da opressão através da aprendizagem formal, como exprime Paulo

Freire (Pedagogia do Oprimido) que busca a libertação através da sua práxis pela necessidade do conhecimento e reconhecimento de lutar por ela, esses, vivem num contexto de condições precárias relacionadas à saúde, alimentação, moradia, trabalho.

De tal modo, que quando o educador inicia o ensinar, não está ele diante de meros expectadores, que querem aprender, mas de gente que sobrevivem em momentos e situações de dificuldades, desânimos e acima de tudo, buscam melhoria e qualidade de vida. Essa é a interpretação que faz Moacir Gadotti (2008, p.32), que contemporiza da seguinte forma:

Um programa de educação de adultos, por essa razão, não pode ser avaliado apenas pelo seu rigor metodológico, mas pelo impacto gerado na qualidade de vida da população atingida. A educação de adultos está condicionada às possibilidades de uma transformação real das condições de vida do aluno-trabalhador.

Os programas de educação de jovens e adultos estarão a meio caminho do fracasso se não levarem em conta essas premissas, sobretudo na formação do educador.

Quando se contextualiza a dura realidade do educando nota-se que este busca condições que melhorem sua vida através dos bancos escolares, tentando recuperar o tempo perdido, tardiamente, numa idade, por vezes avançada o aprendizado que não conseguir obter anteriormente.

### 2.3.2 Do Educador e suas Dificuldades

O trabalho do educador é árduo e complexo e desafiador, porque envolve questões das mais variadas no que concerne à educação, tendo que em vista ser distinta da educação para as crianças ou adolescentes, no ensino regular.

É através do estudo, da teoria e da prática que o educador se ajudará e poderá ajudar os educandos no processo de aprendizagem, que por um certo período vivenciará, caso já atuou ou atue na educação infantil, de uma nova visão de ensino, uma nova realidade.

Essa pode ser a primeira das muitas dificuldades que o professor irá ou enfrentar em sala da EJA. Tal seja um mundo diferente, uma clientela diferente que

busca o ensino, mas não apenas uma educação formal, a esperança de melhoria de vida, tem expectativas diferentes das infantis. E isso não é objeto inerente ao currículo na formação do professor. E quando este se depara com problemas na vida familiar, ou com rostos cansados, depois de um dia de trabalho, que busca a aprendizagem a qualquer custo.

São mundos distintos, contextos diferentes, da educação infantil, como bem explica Pedro Demo (2002, p.17):

Supõe que o professor se interesse por cada aluno, busque conhecer suas motivações e seus contextos culturais, estabeleça com ele um relacionamento de confiança mútua, tranquila, sem decair em abusos e democratismos. Trata-se sempre de aprender junto, instituindo o ambiente de uma obra comum, participativa. A experiência do aluno será sempre valorizada, inclusive a relação natural hermenêutica de conhecer a partir do conhecido. O que se aprende na escola deve aparecer na vida.

E complementa Gadotti que (2008, p.17):

No mínimo, esses educadores precisam respeitar as condições culturais do jovem e do adulto analfabeto. Eles precisam fazer o diagnóstico histórico-econômico do grupo ou comunidade onde irão trabalhar e estabelecer um canal de comunicação entre o saber técnico (erudito) e o saber popular.

Uma das dificuldades apresentadas também por parte do professor é a bagagem cultural que o aluno traz consigo e as dificuldades que surgem destes e que devem ser trabalhados em sala de aula. Todavia os educadores, muitas vezes preocupados e ansiosos em destrinchar os conteúdos curriculares, desprezam o rico conhecimento prévio do aluno.

Outra dificuldade a ser encarada com seriedade é o relacionamento afetivo entre educando e educador, conforme Buber fala (1959, apud FAZENDA, 2003, p.38) “coloca que a verdadeira relação educadora só é possível na amizade...” e continua “o educador, guardando seu próprio lugar, do fundo do seu ser, se coloca também ao lado do aluno, vis-à-vis.”

Tal seja, é importante a amizade, a confiança, porque os educando atribulados pelos conflitos diários, sentem-se desestimulados e perdem o interesse, o foco pelo aprender, o que através de um contato gentil, caloroso e amigável com o

professor ajuda a despertar a vontade de continuar e assimilar os conteúdos propostos no processo de ensino aprendizagem.

Ademais, a animosidade entre ambos dificultara a alfabetização, a permanência na escola, e frustrara os sonhos de luta pela liberdade e melhor condição de vida.

Ainda o professor precisa lidar com a baixa autoestima do aluno que muitas vezes é marginalizado, discriminado pela sociedade na qual está inserido, sentindo-se incapaz de aprender. E é dever do professor incentivar, estimular a participação desses alunos e integrá-lo no processo de aprendizagem.

## 2.4 DOS DESAFIOS PARA ENFRENTAR AS DIFICULDADES

A educação tem por desafio uma nova concepção de práticas pedagógicas que valorizem o senso crítico e emancipatório de seus educandos. Uma nova visão do aprender, não pautado em modelos predeterminados, mas na busca por aperfeiçoar o aprender no cotidiano, na necessidade profissional, na vivência.

Percebe-se que não uma preocupação em formar pessoas críticas, baseando o currículo da EJA no do ensino infantil, o que contraria o objetivo do estudo de jovens e adultos, pois buscam diferentes caminhos.

A educação do EJA deve buscar consolidar indivíduos atuantes na sociedade, que emitam sua opinião, que critiquem, dialoguem, e são os conteúdos relevantes, atuais e interessantes, aprimorando o senso crítico.

É a falta desse método, que inviabiliza uma educação de qualidade, como bem enfatiza Pierro.

Ao focalizar a escolaridade não realizada ou interrompida no passado, o paradigma compensatório acabou por enclausurar a escola para jovens e adultos nas rígidas referências curriculares, metodológicas, de tempo e espaço da escola de crianças e adolescentes, interpondo obstáculos à flexibilização da organização escolar necessária ao atendimento das especificidades desse grupo sociocultural (PIERRO, 2005)

Há também a dificuldade concernente a contradição entre aprendizagem e permanência na escola, onde se exige que o aluno saiba ler e escrever, mas não

são oferecidos métodos adequados e condições a isso, e há a cobrança que se eduque ao longo da vida para permanecer no mercado de trabalho, tornando-se um paradigma. Com relação a esse tema, Delors explica que:

[...], o progresso científico e tecnológico e a transformação dos processos de produção resultante da busca de uma maior competitividade fazem com que os saberes e as competências adquiridos, na formação inicial, tornem-se, rapidamente obsoletos e exijam o desenvolvimento da formação profissional permanente (DELORS, 2001).

De certa forma o desejo de realizar, desempenhar um papel na sociedade, saber compreender o mundo das letras e números e poder usufruir um melhor emprego, melhor salário, melhor qualidade de vida, faz com que o aluno retorne a escola. Segundo Delors (2001, p.103) “ninguém pode pensar adquirir, na juventude, uma bagagem inicial de conhecimentos que lhe baste para toda a vida, porque a evolução rápida do mundo exige uma atualização contínua dos saberes”.

São pessoas que ultrapassam a barreira da vergonha, da culpa e retornam à escola, a fim de avançar em seus conhecimentos, se sentirem preparados para os desafios no mercado de trabalho, perante a família, e perante a sociedade, que tanto cobra, discrimina sair da margem da sociedade de analfabetos e figurar como senhores de si.

Todavia, deve entender a educação não como mero depósito de conhecimentos, mais muito além disso, e não se ater nas disciplinas constantes do currículo. Ler, escrever e solucionar os cálculos como forma de garantir o conhecimento, mas visar a compreensão, a análise, reflexão e modificar o aprendido, adquirido em uso útil e social, capaz de modificar-se e transformar a sociedade. Para tanto, o conhecimento deve ser arquitetado como um movimento dialético, como explana Ferreira (1990):

O conhecimento é o movimento da síntese (sensorial-concreto), passando pela análise (abstração), chegando à síntese (o concreto-pensado, um novo concreto mais elaborado). A atividade analítico-sintética é indispensável ao avanço do conhecimento. A análise é a separação dos elementos particulares de um todo. A síntese é a reunificação dos elementos analisados. (FERREIRA, 1990, p. 51)

Assim, a educação que está sendo transmitida ao aluno aquém do esperado, pois tanto a metodologia quanto material de apoio são insuficientes ou inadequados, que não leva os educandos a reflexão e transformação.

Para que se atinja uma educação de qualidade segundo Ferreira é necessário elaborar um processo de problematização que se classifica da seguinte forma:

- 1º - Partir da prática concreta - Perguntar, problematizar a prática. São as necessidades práticas que motivam a busca do conhecimento teórico. Tais necessidades constituem o problema, aquilo que é necessário solucionar. Supõe, pois, identificar fatos e situações significativas da realidade imediata.
- 2º.- Teorizar sobre a prática - Ir além das aparências imediatas, desvelar, refletir, discutir, estudar criticamente, buscando conhecer melhor o tema problematizado.
- 3o - Voltar à prática para transformá-la - Voltar à prática com referenciais teóricos mais elaborados e agir de modo mais competente. (FERREIRA, 1990, p. 52.)

Muitos dos alunos deixam a escola por motivo de trabalho, ou ainda por a escola não vir de encontro com suas expectativas, e assim abandonam os bancos escolares. Muitos voltam porque tem incentivo da família, pressão no trabalho, vergonha perante a sociedade por não saber ler e escrever, exigências do mercado. E em que pese à faixa etária ser muito acima do usual na escola, jovens e adultos, a influência da família tem sido fundamental para o retorno a escola.

Com relação às disciplinas que se trabalham na escola, na maioria das vezes estão presos na leitura, escrita e operações matemáticas, mas no que ratifica Silva (1991, p. 79-80) que “A leitura crítica é condição para a educação libertadora, é condição para a verdadeira ação cultural que deve ser implementada nas escolas”.

Por fim, ilustra Ferreira (1990) que:

A alfabetização, enquanto aquisição da língua escrita, não é simplesmente um ato mecânico de decodificação do código escrito, mas ocorre numa construção do conhecimento que envolve questões de ordens diversas e exige uma postura crítica para que se concretize plenamente. Alfabetização é a aquisição da língua escrita, por um processo de construção do conhecimento, que se dá num contexto discursivo de interlocução e interação, através do desvelamento crítico da realidade, como uma das condições necessárias ao exercício da plena cidadania: exercer seus direitos e deveres frente à sociedade global [...] A alfabetização passa por questões de ordem lógico-intelectual, afetiva, Sócio-Cultural, política e técnica (FERREIRA, 1990, p. 60).

De forma que, a leitura, igualmente a escrita e a fala, são importantíssimas para o desenvolvimento intelectual do aluno, pois desenvolve o senso crítico e reflexivo diante das situações do dia a dia, contribuindo para solucionar com autonomia e destreza problemas que antes de ser letrado, não conseguiria. o aprendizado é uma construção sistemática de saberes que se interligam, se desenvolvem e nessa teia de conhecimento surgem as cabeças pensantes, as melhores idéias e o progresso da sociedade.

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa foi realizada de forma qualitativa, ocorrendo à coleta de informações de aulas ministrada por uma professora da EJA, e entrevistas com quatro professoras e seus alunos, do Município de Janiópolis, Paraná, onde foram observados, método aplicado em sala, o material didático, o público alvo, e o principal, as dificuldades enfrentadas pelos alunos e pelas professoras alfabetizadoras em sala de aula.

A pesquisa ocorreu na Escola Municipal Maria Pereira de Oliveira, Escola Municipal Alfeu Teodoro de Oliveira e Escola Teodolino de Souza Franco, em sala de aula e entrevistas com as alfabetizadoras e em Biblioteca da Escola Maria Pereira de Oliveira, assim como na internet.

O presente trabalho foi desenvolvido pela metodologia de modo quantitativo, especificamente na pesquisa exploratória, por meio de livros, artigos e materiais disponíveis na internet e ainda pela pesquisa de campo, através de entrevistas com alfabetizadores e alunos do EJA e observação nas salas de aula.

A pesquisa de campo procurou analisar os fatos e fenômenos que ocorrem na realidade, com coleta de dados, *in casu*, dos entrevistadores, e o estudo, objetivando compreender e explicar a problemática do presente artigo, que também contribuiu os gráficos apresentados.

A pesquisa de um modo geral pode ser percebida como um “processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico. O objetivo fundamental da pesquisa é descobrir respostas para problemas mediante o emprego de procedimentos científicos”.

A pesquisa com levantamento bibliográfico, em leis, livros, artigos de internet e revistas correlacionadas, com coleta de material que embasou a pesquisa.

Os dados foram coletados em etapas. Primeiro foi observado à sala de EJA. Foi feito perguntas aos alunos e a professora regente.

Em seguida, foram entrevistados as professoras e os alunos com perguntas semiestruturadas, para então buscar o embasamento teórico e confrontar com a pesquisa de campo.

A análise dos dados (coletados por meio de entrevistas semiestruturadas com os professores e alunos em sala de aula) permitiu observar a realidade aluno-professor-educação-dificuldade. Assim, em forma de análise crítica e gráficos, foram

obtidas os resultados da pesquisa, que não tem pretensão de esgotar o assunto, mas de incitar a novos questionamentos.

#### 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ante a observação e diante do relatado pelos alunos e pelas professoras pode-se perceber que a Educação de Jovens e Adultos (EJA) carece e muito do olhar da de políticas públicas e muitas questões necessitam ser revisadas para que as dificuldades enfrentadas sejam superadas.

A educação de jovens e adultos tem sido posta em segundo plano, e não como extensão da educação infantil ou regular. Os materiais didáticos, o apoio pedagógico, o incentivo administrativo/político, nada disso vem ocorrendo.

Não se busca enxergar o aluno como um ser experiente, com ampla bagagem que vivenciou inúmeras histórias, que é um ser pensante, mas que necessita apenas de lapidação. Ou seja, necessita-se valorizar o senso comum, modificar o currículo, o livro didático que foge da realidade vivida por esses.

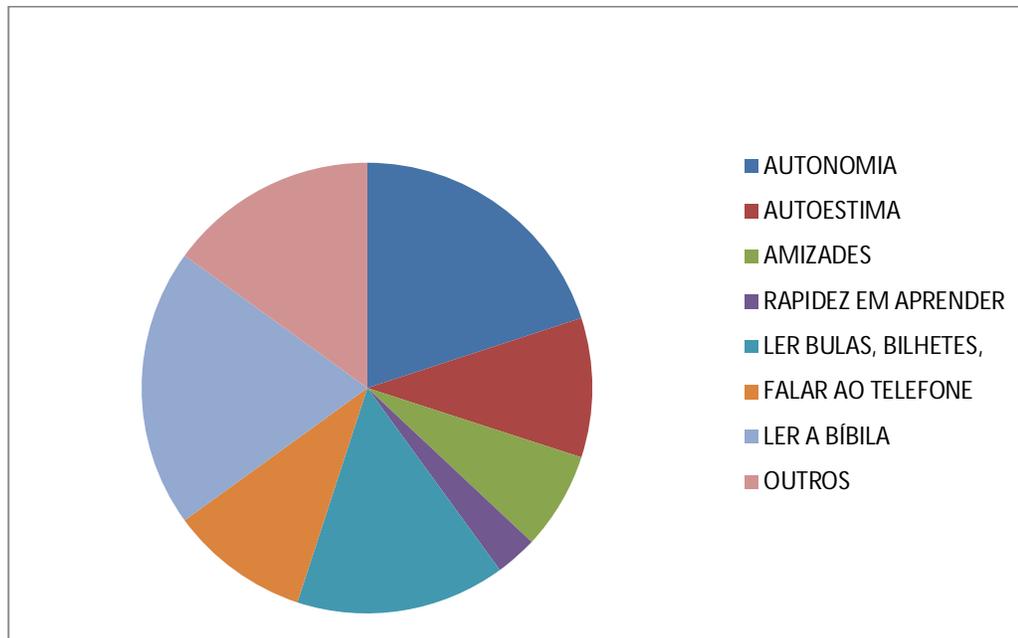
Paulo Freire (1996, p. 77), contribui muito bem quando diz que:

Há perguntas a serem feitas insistentemente por todos nós e que nos fazem ver a impossibilidade de estudar por estudar. De estudar descomprometidamente como se misteriosamente, de repente, nada tivéssemos que ver com o mundo, um lá fora e distante mundo, alheado de nós e nós dele.

Quando se fala em mudanças, percebe-se um receio, um medo incontido, um bloqueio e resistência por parte da máquina administrativa, que tanto cobra, mas pouco retribui para que a EJA tenha a qualidade que merece que tanto espera alcançar, que por tantos anos, conforme supracitado na síntese histórica demorou em acontecer e continua a engatinhar. Por esse motivo e por acreditar que a EJA tem deficiências de ordem política e mais ainda, proveniente dos próprios educandos é que a problemática desse estudo desenvolveu entre os alunos, professores e a sala de aula.

Na entrevista com os alunos foi possível observar a vontade e o interesse que a maioria dos alunos tem em aprender a ler e escrever, mas a maior preocupação está em saber contar o seu dinheiro, saber calcular com a calculadora, ler a Bíblia, entender uma bula de remédio. Alguns se arriscam a dizer que

gostariam de continuar a estudar, “fazer o ginásio”. No gráfico a seguir estão demonstrados o que os alunos buscam com o aprendizado:



**Gráfico 1: Quanto ao que busca o aluno da EJA**

Os alunos da EJA encontram muitas dificuldades durante o período escolar muitos deles trabalham o dia todo e quando chega à noite já estão cansados, esgotados, outros apresentam problemas de saúde, como baixa visão, baixa audição, dificuldades motoras, mas a preocupação maior está em se sentir bem, as salas visitadas em sua maioria são idosos, e disseram que se sentem envergonhados por estar indo a escola depois de adultos.

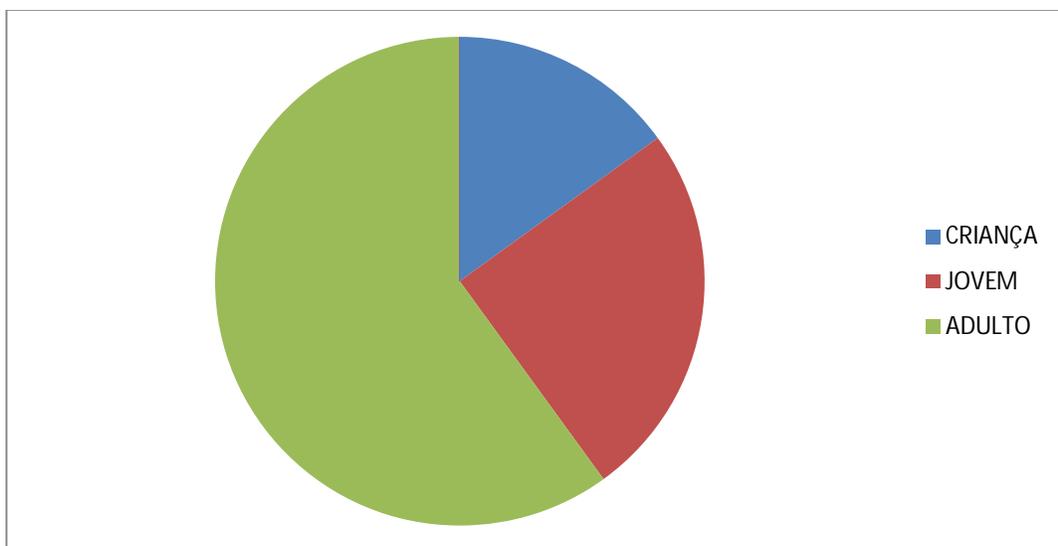
Muito conveniente a fala de Hamilton Werneck (1999, p.23) quando diz que “Muitas vezes a escola se apresenta aos alunos como um pesado elefante. A primeira impressão deixada para o estudante é de alguma coisa impossível de ser ultrapassada. Poucos terão a alegria e certeza de poder enfrentar esse peso, mais próximo do desgosto do que felicidade!”

Esse é a realidade que se observa nas salas de aula, o peso que traz a educação, quando há necessidade de leveza, critérios que acrescentem na vida do aluno e motivam-no a não evadir, a continuar a buscar, a aprender a profissionalizar, ou simplesmente se amar e não se deixar enganar.

Muitos voltam para a escola devido à grande vontade que eles têm de conhecer as letras, escrever seu próprio nome, de concluir as etapas escolar, de saber se localizar nas ruas das cidades, e no caso dos mais jovens, de ter um bom emprego, buscam melhoria de vida.

Nas entrevistas obtidas com as educadoras alfabetizadoras “A”, “B”, “C” e “D” foi-lhes questionado as diferenças entre ensinar crianças e Jovens e Adultos e a professora “B” explica de forma sucinta quais são essas diferenças: “Ensinar crianças, percebe-se que elas têm mais facilidade no aprendizado, porém não se mostram interessadas. Os adultos procuram conhecimento, mas tem mais dificuldade em assimilar os conteúdos.” Nessa mesma linha fala a professora Prof. “A”, enquanto que a professora “C” acrescenta que os adultos são mais lentos e tem objetivos diferentes das crianças. Já a professora “D” traz a dificuldade muito casual que consiste na cansaça com que os alunos chegam à escola, segundo ela os adultos “mantém o interesse em aprender, só que são cabeças cansadas e isso dificulta muitas vezes a aprendizagem das mesmas.”

Foi elaborado um gráfico a partir das entrevistas e das observações em que melhor explica as dificuldades e os anseios dos alunos do EJA, fazendo uma comparação entre o grau de dificuldade de uma criança, um jovem e um adulto chegando ao resultado a seguir:



**Gráfico 2: Quanto ao grau e dificuldade na aprendizagem verificado em crianças, jovens e adultos.**

A professora “A” diz que ela “joga muitos assuntos polêmicos na sala, que envolvem política, ética, moral e faço os alunos pensarem, refletirem sobre o assunto e debaterem sobre, sem medo, sem cobrança, só com a intenção de despertar e fazer um ponto final bem grande na cabeça deles”.

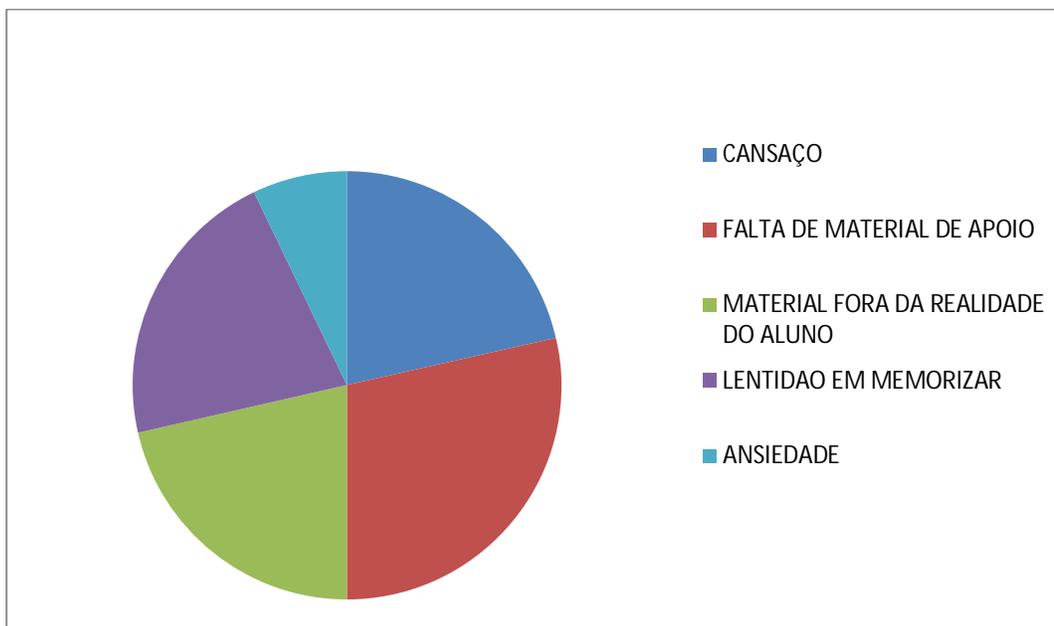
E é exatamente nesse sentido, o que não se ater no código, mas abstrair, compreender, discutir e refletir o que fala Ferreira (1990):

A alfabetização, enquanto aquisição da língua escrita, não é simplesmente um ato mecânico de decodificação do código escrito, mas ocorre numa construção do conhecimento que envolve questões de ordens diversas e exige uma postura crítica para que se concretize plenamente.

O professor necessita ter consciência do seu papel como transformador, no contexto educacional e defender a qualidade do ensino a que se propõe ensinar e garantir ao seu aluno uma educação de qualidade. O professor conhecendo a realidade de seus alunos vai trabalhar com situações que venham de encontro às necessidades destes e garantir assim, a eficácia do aprendizado, e percebe-se nas entrevistas a preocupação das educadoras em qualificar e trazer aos seus alunos o melhor de si.

Na entrevista com as educadoras percebeu uma preocupação em fazer entender o mundo, em ajudar o aluno a encontrar seu lugar na sociedade em buscar novos materiais, apoio pedagógico, além de promover uma forma digna de sobrevivência.

Na entrevista ainda foram questionados se o material de apoio e incentivo estava de acordo com a metodologia e a necessidade e ambas foram unânimes em afirmar que o material fornecido é insatisfatório, “não atendem as necessidades do aluno” acrescenta ainda, “B” que é necessário “material concreto e pedagógico”. Quando questionadas a respeito da maior dificuldade do adulto em aprender a ler, compreender e escrever, ela afirma que é o cansaço físico que é um dos maiores problemas, seguida de “C” que alega o mesmo problema, segundo ela, “trabalham o dia inteiro (...) o corpo está ali, mas a mente está pensando no dia seguinte.” A seguir o gráfico mostra as dificuldades enfrentadas por alunos e professores da EJA:



**Gráfico 3: Quanto às dificuldades enfrentadas pelos alunos e professores da EJA**

O que confirma as idéias do mestre Moacir Gadotti (2008, p.31):

Os jovens e adultos trabalhadores lutam para superar suas condições precárias de vida (moradia, saúde, alimentação, transporte, emprego, etc.) que estão na raiz do problema do analfabetismo. Para definir a especificidade de EJA, a escola não pode esquecer que o jovem e adulto analfabeto é fundamentalmente um trabalhador – às vezes em condição de subemprego ou mesmo desemprego...

Segundo as entrevistadas a EJA traz inúmeros benefícios aos estudantes, mas o melhor deles é satisfação de “aprender a escrever o seu próprio nome”, segundo depoimento da “D”. Já a “B” foi mais além e disse que a “a autonomia, independência, dar conta de sanar suas necessidades do dia a dia, como ler uma bula, utilizar o celular e sacar dinheiro, ler bilhetes, ler a Bíblia” são as prioridades para se estudar e o incentivo de continuar. Ainda “A” ressalta que Ajuda na autoestima, na comunicação, nas amizades que fazem dentro e fora da sala de aula.

É o que Delors (2001, p.103) afirma, “ninguém pode pensar adquirir, na juventude, uma bagagem inicial de conhecimentos que lhe baste para toda a vida, porque a evolução rápida do mundo exige uma atualização contínua dos saberes”. Ou seja, aprender sempre, buscar sempre, cada um tem um objetivo, mas todos desembocam em um maior, ter autonomia, ser independente.

Por fim, quando questionadas em relação às sugestões ou considerações para melhorar o ensino e aprendizagem do EJA, para que os alunos saiam alfabetizados e letrados, as respostas divergiram. A “B” pensa no social e sugere “implantar projetos, oficinas que viessem de encontro com os interesses da turma: artesanato, música, danças, entre outros.” A “C” segue a mesma linha. Já a “A” sugere cursos profissionalizantes e ainda artesanato, e busca mais material de apoio. Enquanto que a “D” pensa que as fases deveriam ser separadas para melhor aprendizagem dos alunos e acredita que deveria “ter mais incentivo por parte familiar, escolar e administrativa.”

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O intento desse trabalho visou mudança no pensar Educação de Jovens e Adultos, buscando entender suas dificuldades e as do educador, dando mais condições para um trabalho produtivo e eficiente.

Deste modo, que o processo de desenvolvimento seja pautado não apenas em ler e escrever, no modo mecânico de leitura, escrita e números, mas alcançar a realidade do aluno.

Na EJA as diferenças do ensino regular são muitas, sejam pela idade, experiências vividas, culturas e crenças, que levam a necessidade de ser tratado também o método de ensino com diferença.

Os alunos adultos levam a sério o estudo, a escola, o aprendizado, enquanto que as crianças ainda querem o lúdico, o brinquedo. Não que na EJA não possa ocorrer o lúdico, mas o objetivo do educando EJA é outro.

E o trabalho pedagógico também é diferenciado, tratando os educandos com seriedade, mas com carinho, acolhendo suas experiências e respeitando suas dificuldades, para que não perca o interesse.

Quando o aluno volta para a sala de aula, ou inicia depois de adulto, traz consigo a cansaça, a vergonha, desmotivação, o preconceito, a discriminação, a doença. E tudo isso precisa ser levado em conta para que não haja desistência, evasão e perda do interesse.

A educação carece de atitudes inovadoras que busquem compreender os alunos e as suas dificuldades, atentando para suas histórias, as que trazem para a sala e as que levam dela.

Sabendo das expectativas, fica mais fácil atingir o objetivo que é ampliar seu conhecimento, não simplesmente memorizar, mas valorizar a interpretação, o senso crítico a sabedoria dos educandos, a sua autoestima que é um dos pontos negativos e dificuldades enfrentadas pela escola. Estimulando-os a sua autoconfiança, fé em si, em, sua capacidade de aprender e de ensinar, porque o educando ensina o educador todos os dias.

Ter expectativas, objetivos concretos, sonhar com o sucesso, com o melhor, com o novo, e ajudar os alunos a descobrir a solidariedade, o carinho, a esperança, de maneira que o aprendizado das letras e números seja prazerosa, fácil e útil.

Buscar diminuir e se possível erradicar a evasão escolar, porque cada aluno a menos na escola é uma cabeça pensante que deixa de pensar da forma sistemática e correta. Vai deixar de criticar, de refletir, de contribuir para sua comunidade.

Com o cansaço do trabalho, as dores lombares, a fraca visão e audição, o filho para se preocupar e o jantar por fazer não sejam empecilhos que provocarão a desistência de aprender.

Mas que seja incentivo para mudar, buscar o conhecimento formal e informal e com a ajuda da administração pedagógica, o trabalho com o lado emocional, profissional e a valoração do aluno como ser pensante e ser humano digno, capaz e sujeito de direito de uma educação de qualidade, não importando as dificuldades, mas sabedor que uma vez adquirido o bem do saber ninguém poderá jamais tirá-lo de si.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. *Vademecum* acadêmico de direito. 10. ed. São Paulo: Rideel, 2012;

BRASIL, Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** – LDB. Lei Darcy Ribeiro nº 9.394/96. Brasília-1998. Integral. Constituição de1998. Brasília-DF.

CARVALHO, Marlene, Primeiras Letras : **Alfabetização de Jovens e Adultos em espaços populares** / Marlene Carvalho- 1. ed. São Paulo: Ática, 2010.

DELORS, Jacques. Educação : um tesouro a descobrir . São Paulo: Editora Cortez, 2001.

DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa**. 5. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2002;

FAZENDA, Ivani. **Interdisciplinaridade: qual o sentido?** São Paulo: Paulus, 2003.

FERREIRA, Maria José Vale. **Princípios político-pedagógicos do MOVASP**. São Paulo, MOVA-SP, Caderno nº. 2, Secretaria Municipal de Educação, abril de 1990.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LOPES, Selva Paraguassu; SOUZA, Luzia Silva. **EJA: uma educação possível ou mera utopia?** CEREJA. 2010. Disponível em: <[http://www.cereja.org.br/pdf/revista\\_v/Revista\\_SelvaPLopes.pdf](http://www.cereja.org.br/pdf/revista_v/Revista_SelvaPLopes.pdf)> Acesso em:20 out 2013;

GADOTTI, Moacir; ROMÃO, José E. (orgs.). **Educação de Jovens e Adultos: Teoria, Prática e Proposta**. 10. ed. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire,2008;

GIL, Antonio Carlos.**Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1991.

GUNTHER HARTMUT.**Psicologia: Teoria e Pesquisa: Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão**.Artigo publicado em: Print version ISSN 0102-3772, Psic.: Teor. e Pesq. vol.22 n.2 Brasília May/Aug. 2006. Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-37722006000200010&lang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722006000200010&lang=pt)>, acesso em: 01 nov 2013.

MAMED, Jr., Walner. **Educação de jovens e adultos**: discutindo uma identidade. Guanicuns. Rev. da FECHA/FEA - Goiás, 01: 159-170, nov. 2004.

SCOZ, B. Psicopedagogia e realidade escolar, o problema escolar e de aprendizagem. Petrópolis: Vozes, 1994.

SILVA, Ceris Salete Ribas da. **O processo de alfabetização no contexto de ensino fundamental de nove anos**. Coleção explorando o ensino. 2010.

SCOCUGLIA, Afonso Celso. **Histórias inéditas da educação popular**: do sistema Paulo Freire aos IPMs da ditadura. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

SILVA, Ezequiel Theodoro. **O ato de ler**: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura. 5ª ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1991.

SOARES, Magda. **A reinvenção da alfabetização**. Revista presença pedagógica, V.9, n. 52. Jul/ago. 2003;

PIERRO, Maria Clara Di. **Notas sobre a redefinição da identidade e das políticas públicas de educação de jovens e adultos no Brasil**. Educ. Soc., Campinas, vol. 26, n. 92, p. 1115-1139, Especial - Out. 2005 1135. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em 01 nov 2013.

WERNECK, Hamilton. **Se a boa escola é a que reprova**, o bom hospital é o que mata. 4. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

## APÊNDICES

Apêndice A: Entrevista com alunos da EJA

Qual a maior dificuldade enfrentada pelo aluno da EJA?

R \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

O que o aluno da EJA busca com o aprendizado?

R \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

Quais os principais motivos que os jovens e adultos voltam para a escola?

R \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

Aluno do EJA:

---

Apêndice B: Entrevista com alfabetizador da EJA

Quais são as principais diferenças entre ensinar crianças e ensinar Jovens e Adultos e crianças?

R: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

Você encontra dificuldades na busca por material de apoio e incentivo? Se sim, quais?

R \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

Qual é a maior dificuldade do adulto em aprender a ler, compreender e escrever?

R \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

A educação EJA, em sua opinião, traz quais benefícios aos estudantes?

R \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

Teria sugestões ou considerações a fazer para melhorar o ensino do EJA? Quais?

R \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

Alfabetizador do EJA:

\_\_\_\_\_